

ESCOLAS LIVRES E O MODELO DE FORMAÇÃO VIVA: A EXPERIÊNCIA DA ESCOLA SABERES DE QUEBRADA

Dandara Lima Bastos¹, Isaac Bessa Publio², Tomas Jeferson de Sousa Henrique³, Sahmaroni Rodrigues de Olinda⁴

¹Graduanda em Design-Moda pela Universidade Federal do Ceará,

dandaralimabastos@gmail.com

²Graduando em Comunicação Social pela Universidade de Fortaleza,

isaac.b.publio@gmail.com

³Graduando em Pedagogia pela Universidade Federal do Ceará, tomazie.ufc@gmail.com

⁴Doutor em Educação pela Universidade Federal do Ceará, sahmaronirodrigues@ufc.br

1. Introdução

O modelo de escola livre¹ surge historicamente como uma contraproposta ao modelo educacional formal. Enquanto na educação tradicional existe uma hierarquia rígida entre professor, aluno e as diversas áreas da instituição, o modelo livre busca romper com essas práticas. A proposta é tornar a educação horizontal: todas as pessoas inseridas no ambiente escolar estão no mesmo nível, onde cada um aprende com o outro, tornando o conhecimento circular e enxergando o aluno como um agente que também detém conhecimento. Essa perspectiva alinha-se ao pensamento de Freire (2016), para quem a educação como prática da liberdade exige a superação da contradição educador-educando, de modo que ambos se tornem, simultaneamente, educadores e educandos no processo dialógico.

Geralmente, as escolas livres nascem das comunidades e periferias com o objetivo de transformar os conhecimentos e saberes locais em currículo. Isso promove a autonomia, a valorização territorial e o fortalecimento da identidade de indivíduos dissidentes. Nesse contexto, a educação não é vista apenas como instrução formal, mas como uma prática de liberdade que gera impactos reais nos territórios.

Embora o modelo de escola livre tenha ganhado reconhecimento acadêmico recente, muitas vezes limitado ao campo das artes, a Escola Saberes de Quebrada propõe uma imersão que vai além da técnica, focando na vivência prática e no reconhecimento de tecnologias socioculturais e educativas presentes no cotidiano da comunidade. O problema central reside na exclusão sistemática de saberes ancestrais, (como os das rendeiras e artesãos) e de tecnologias sociais e periféricas, dos currículos tradicionais. Assim, o objetivo deste trabalho é analisar como o modelo de “Formação Viva” da SDQ fortalece a identidade dissidente ao transformar o território em espaço de autonomia e saber. Para alcançar esse propósito, a pesquisa define os seguintes objetivos específicos: apresentar o conceito e a proposta das Escolas livres; descrever

¹ A escola livre pode ser compreendida como um espaço educativo orientado pela autonomia dos sujeitos, pela horizontalidade das relações e pela construção coletiva do conhecimento. Segundo Paulo Freire (1997), a educação deve constituir-se como prática de liberdade, superando modelos bancários e promovendo a conscientização crítica. Nessa orientação, a escola livre também dialoga com a crítica à institucionalização do ensino proposta por Ivan Illich (1985), ao valorizar formas autônomas e contextualizadas de aprendizagem.

a “Metodologia Viva” aplicada pela SDQ; validar o currículo dessa mesma metodologia; e por fim, validar os seus impactos práticos por meio do projeto “Moda Dissidente”.

2. Metodologia

A práxis para Freire remete ao conjunto de práticas visando a transformação da realidade e a produção da história do indivíduo, elevando a docência como prática social, visto que

[...] ensinar não é transferir a inteligência do objeto ao educando, mas instigá-lo no sentido de que, como sujeito cognoscente, se torne capaz de entender e comunicar o entendido. É nesse sentido que se impõe a mim escutar o educando em suas dúvidas, em seus receios, em sua incompetência provisória. E ao escutá-lo, aprendo a falar com ele (Freire, 1997, p. 135).

Portanto, este escrito consolida-se como um estudo de caso único, de abordagem qualitativa e enraizado na educação popular e resultante da pesquisa em desenvolvimento de uma das autoras. A escolha pelo método qualitativo se justifica a partir dos aportes de Minayo (2001, p. 21-23), pois “ela se preocupa [...] com um nível de realidade que não pode ser quantificado” e “[...] responde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos”. Conectado a esse método, destaca-se a possibilidade de articulá-lo sob o aspecto de uma “metodologia viva”, justamente por rejeitar a linearidade conteudista e instaurar uma cultura de reflexão e investigação contínuas, na qual o diálogo precede qualquer criação técnica.

3. Resultados e discussão

A compreensão profunda do que constitui uma "Escola Livre" exige uma análise crítica das falhas estruturais do ensino convencional. O modelo educacional hegemônico opera sob a lógica que Paulo Freire (1983, p. 33) denominou de "educação bancária", onde o educador deposita informações em um educando visto como um cofre vazio, desconsiderando por completo suas vivências, sua cultura e as complexidades de sua classe social. Em contrapartida a essa rigidez, as "Escolas Vivas", conforme postulado pelo educador José Pacheco (2015) – idealizador da Escola da Ponte, propõem uma ruptura com a burocracia opressora, valorizando a autonomia, a escuta ativa e a construção coletiva e solidária do conhecimento. A escola deixa de ser um prédio fechado em si mesmo para se tornar um organismo conectado à vida.

A Escola Saberes de Quebrada (SDQ) subverte a lógica colonial de ensino ao posicionar o próprio território como o seu currículo principal e inesgotável. Compreende-se que, em comunidades dissidentes e precarizadas, onde o acesso à universidade, à qualificação profissional de excelência e ao mercado de trabalho é estruturalmente dificultado, florescem inovações possíveis, redes de solidariedade e modos de sobrevivência que são, em sua essência, tecnologias sociais. A SDQ reconhece essas dinâmicas não como elementos folclóricos, mas como saberes acadêmicos e científicos legítimos.

Essa subversão alinha-se diretamente com a "Pedagogia Engajada" e a "Pedagogia da Esperança" propostas por bell hooks (2013; 2021), as quais defendem a urgência de criar comunidades de aprendizagem críticas e afetivas, onde raça, gênero e classe não sejam temas marginalizados, mas o cerne do processo formativo. Portanto, na SDQ, a educação não visa formatar a juventude periférica para se adequar a um sistema neoliberal excludente. O objetivo é validar a identidade do sujeito e a potência do seu território, fortalecendo as redes comunitárias e combatendo o apagamento sistemático que exclui verdadeiros talentos da "quebrada" dos espaços de tomada de decisão.

Ademais, para garantir essa transversalidade e subverter as imposições formativas tradicionais, o currículo da SDQ é organizado em três eixos estratégicos fundamentais: orientação, educação e cultura, focado na formação social plena, na arte-educação e na conscientização crítica, utilizando a educação dialógica para transformar a escola em um espaço de acolhimento e criação, cultivando relações humanizadas e fortalecendo o bem comum no território; tecnologia, comunicação social e criativa, voltado à construção de narrativas visuais decoloniais, ao design de território e ao letramento digital, com o objetivo de instrumentalizar a comunidade para o empreendedorismo social, capacitando os sujeitos para a autogestão de iniciativas e negócios de impacto alinhados à economia solidária de Paul Singer; e interseccionalidade e sustentabilidade, que aborda de forma intrínseca a economia circular, o consumo consciente e o reaproveitamento de materiais, como o upcycling, ao mesmo tempo em que pauta, de maneira transversal, discussões críticas sobre raça, gênero, classe e outros marcadores sociais da diferença.

A efetividade do modelo de Formação Viva e de seus eixos curriculares foi rigorosamente validada através do projeto extensionista "Moda Dissidente: Moda Urbana e Upcycle", realizado em cooperação com o curso de Design-Moda da UFC. A pesquisa de campo focou na atração de jovens de territórios vulneráveis de interlocuções com a comunidade Ballroom, priorizando pessoas negras e dissidentes de gênero (trans/travestis e LGBTQIAPN+).

Na prática, a teoria interseccional materializou-se ao utilizar a cultura Ballroom cearense como ferramenta central de pesquisa visual e estética. Em vez de utilizar currículos focados apenas no eurocentrismo da alta costura burguesa. Isso não apenas validou os "saberes de quebrada" como um conhecimento acadêmico legítimo, mas gerou um impacto imediato no sentimento de pertencimento dos agentes participativos, que relataram encontrar um espaço inédito para se expressarem livremente.

Outro resultado crucial incide sobre a aplicação do eixo de sustentabilidade através do Upcycling (reaproveitamento criativo de insumos). A pesquisa demonstrou que a moda, inserida nesse contexto periférico, deixou de ser percebida como um mero bem de consumo ou ofício precarizado, transformando-se em uma plataforma de sustentabilidade financeira criativa.

Aqui se encontra o ponto mais sensível e urgente da discussão: a necessidade de formar para a autonomia. Cursos técnicos destinados às comunidades frequentemente limitam-se a formar costureiras ou operadores de maquinário, visando preencher vagas de subemprego na base da pirâmide capitalista. O projeto "Moda Dissidente" subverteu essa expectativa: os formulários e relatos demonstraram um anseio profundo dos agentes pela profissionalização intelectual e criativa nas áreas de Styling, Direção de Fotografia e Produção Cultural. A formação viva provou que a juventude periférica deseja ocupar espaços e garantir sustentabilidade com a economia criativa.

4. Conclusões

A experiência da Escola Saberes de Quebrada atesta que a articulação indissociável entre educação coletiva, letramento tecnológico decolonial e sustentabilidade interseccional é o motor indispensável que sustenta a "Formação Viva". Ao deslocar o eixo do saber das estruturas engessadas dos centros acadêmicos para o território comunitário e para as corporalidades dissidentes, o projeto eleva a cultura Ballroom e as práticas de upcycling do status de meras tendências estéticas ao de sofisticadas tecnologias de sobrevivência. Essa subversão

metodológica escancara os limites operacionais de uma educação formal que insiste em cartilhas coloniais enquanto ignora a urgência inumana, intelectual e criativa de vivências das comunidades. Diante dessa tensão entre a academia tradicional e o território vivo, resta a provocação que embasa a continuidade e o aprofundamento desta pesquisa: é possível desenhar um futuro estruturalmente inovador sem entregar a caneta a quem foi historicamente apagado do presente? E, afinal, o que a educação têm a nos ensinar quando deixam de ser a vitrine do privilégio para se tornarem, definitivamente, escudo e voz da comunidade?

Palavras-Chave: Escola Livre; Saberes de Quebrada; Formação Viva; Pedagogia Decolonial.

Referências bibliográficas

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. 7. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1997.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade.** 39. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido,** 17^a. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

HOOKS, Bell. **Ensinando comunidade:** uma pedagogia da esperança. São Paulo: Elefante, 2021.

HOOKS, Bell **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade.** Tradução de Marcelo Brandão Cipolla. - São Paulo : Editora WMF Martins Fontes, 2013.

PACHECO, João. **O que é escola viva.** São Paulo: Papirus, 2015.

ILLICH, Ivan, 1926- 129s **Sociedade sem escolas:** trad. de Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis, Vozes, 1985.

MINAYO, M. C. S. **Ciência, técnica e arte: o desafio da pesquisa social.** In: MINAYO, M. C. S. (Org.). Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade. 21. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 9-29.



REALIZAÇÃO:



UCE



AINPGP